



Obra Completa em Português:

Apresentando diferenças, gerando debate

Ana María Chabalgoity: Montevideo, Uruguai; agosto 2020

Traducción: Prof. Sirlei Reginatto, Buenos Aires.

Deixar-se ser questionada pelos discursos da diversidade sexual leva “desde o início” a um diálogo com a história, a literatura, a sociologia, o arte, a filosofia, os ativistas em defesa dos direitos humanos, estudos de “gays and lesbian studies”, entre outros.

Acho que é preciso sair de um certo solipsismo que muitas de nossas teorias encarnam, ouvir outras vozes, permitir que nos desafiem e voltar com novas perguntas que você pode possivelmente, por que não?, nos mergulhar de volta na ignorância, mas na ignorância que ao mesmo tempo que desaloja e desconstrói alguns?, muitos?, de nossos referentes, evitar reiterar o caminho facilitado de tentar padronizar ou patologizar o diferente, o diverso, para contradizer, mais uma vez, a opacidade sexual que a psicanálise, ou os analistas, postulando-a, pretendemos negar.

Considero que é inevitável questionarmos sobre a encarnação subjetiva que constrói o gênero socio-cultural e os efeitos da hetero-normatividade assumem nossa escuta e nossa praxis analítica em geral. É preciso diferenciar a prática heterossexual da cultura hegemônica heterossexual, com seus determinantes efeitos normativo-patologizantes, para descentralizá-lo do seu lugar de universal-natural, é realocá-lo na ordem da cultura no tempo da história humana.

Muito se tem produzido em torno deste problema: o sujeito e o desejo, o sexual, a invenção do gênero, o normativo e o patologizado em diferentes contextos sócio-histórico-culturais. Onde quer que nos aproximemos, encontramos relações de poder pertencentes às subjetividades de cada época, disciplina e controle dos modos de relação sexual entre os sujeitos.

Para os fins deste encontro, limitar-me-ei a apresentar a complexidade do problema por meio de uma análise comparativa entre duas posições dissimilares no atual campo psicanalítico-freudiano: Jorge Ritter (2018-2019 e Geneviève Morel (2010-2012)

Com estas modalidades pretendo focar as diversas formas como cada analista escuta o discurso do analisando e analisa, ou não, sua própria transferência e pré-julgamento diante das manifestações já explícitas da diversidade sexual e de certas formas de violência que, escondidas, veladas, e outras vezes manifestas, eles também carregam.

Vou me concentrar especificamente no que Ritter considera uma das posições centrais, referindo-se à heteronormatividade inevitável da psicanálise, e acompanhando suas perguntas sobre como desarticulá-la de seu viés heteronormativo para abraçar a diversidade sexual.

Lembre-se que o objeto da pulsão é contingente, mutável e transitório.

Em relação a Morel, apresentaremos sua teoria sobre sexagem, suas considerações sobre as



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANALISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



ambigüidades sexuais e sua reflexão a respeito da problemática das psicoses que convocam.

Apoiando-me em trabalhos e estudos atuais, irei enquadrar as questões, questionamentos e interpelações em algumas das vastas produções que já são inevitáveis ao nos aprofundar nestes problemas: Michel Foucault, Jean Allouch, Judith Butler, Louis-George Tin, apontando, mas não sendo capaz de referir que, mais uma vez, um contraponto com estes, está a ser gerado e emergem outros modos de produção de saberes icônicos, performáticos e corporais, expostos por Paul B. Preciado.